

PREFÁCIO

A lealdade com o coração é o passo primordial no caminho da verdade. O desejo da felicidade, a preferência do bem, a curiosidade do verdadeiro, o fascínio do belo, a intuição veemente do justo, a repugnância ante a mentira constituem um feixe de exigências e evidências originais das quais todo o ser humano que vem a este mundo é dotado pela natureza e lançado na universal comparação com todas as coisas. «Desejo inteligente», chama este livro a esse horizonte do humano do qual nasce todo o património de descoberta e conhecimento – ciência, literatura, arte –, que coloca o Homem numa trajectória sem meta visível e acende «a febre em mim de navegar» à busca do «porto sempre por achar», coração inquieto *donec requiescat in Te*.

É esse itinerário existencial que Duarte da Cunha segue com discreta erudição e exuberante paixão pelo humano; com os vastos recursos da sua excelente formação teológica, da sua apaixonada experiência paroquial, do seu empenhamento de sempre na pastoral familiar e na formação da juventude; e com a universalidade de horizontes aberta pelo seu decénio de serviço à Igreja na Europa. Partindo

de uma enxuta síntese antropológica, reflecte sobre o sentido religioso que o Cardeal Montini (1957) – hoje, São Paulo VI – definiu, na sua célebre Pastoral de Quaresma à Diocese de Milão, como a síntese do espírito humano. Procurando, através das vicissitudes espirituais da humana aventura, um fio de unidade, identifica o sentido religioso com aquele intuitivo reconhecimento, comum a todo o homem, de algo maior que dá sentido à sua vida.

Num curioso *excursus* sobre o medo, o autor enfrenta a clássica objecção positivista e iluminista de ser a religião originada por um terror obscurantista provocado pela ignorância, e estar por isso destinada a derreter-se como gelo ao sol diante do fulgor da ciência que tudo explica. Distinguindo com rigor analítico o medo do desconhecido do verdadeiro temor de Deus, que nasce do amor, propõe uma visão da experiência religiosa nascida do espanto e da confiança no mistério. A cada passo da História da salvação se repete a exortação «Não tenhais medo!»; há cem anos, ela ressoou uma vez mais aos ouvidos dos Pastorinhos de Aljustrel: «Não tenham medo que eu não lhes faça mal.»

A resposta a este desejo que constitui o Homem, não pode ele outorgá-la a si próprio. O desejo de amor não inventa uma pessoa amada, nem se sacia num avatar que eu possa criar, só se completa encontrando alguém. E isto que é verdade da mais fundamental dimensão do humano poder-se-ia comprovar do conhecimento, do desejo de justiça, da vontade de construir, da busca da beleza. Para que a minha vida se realize, um acontecimento é a única esperança. A resposta ao sentido religioso do Homem é o encontro com a revelação de Deus.

O tema da revelação aparece em primeiro lugar como último passo do sentido religioso: a lealdade com o caminho percorrido leva a razão humana a reconhecer que, por um lado, não pode cumprir a plenitude da tarefa que empreendeu sem conhecer o mistério, e por outro, que não dispõe dos meios para conhecer aquilo cujo conhecimento não pode dispensar. Por isso, o ápice do sentido religioso, do *Fêdon* de Platão – «a menos que seja possível percorrer o caminho

numa barca mais segura com a ajuda da palavra revelada de um deus» – à súplica de Moisés no Sinai – «Mostra-me o Teu rosto» –, é pedir ao Deus desconhecido que Se revele.

Mas a revelação de Deus não é uma especulação filosófica genial de Sócrates ou um grito vibrante e nobre, mas desatendido, de Moisés. É um acontecimento real na vida do Homem. Todo o segundo capítulo deste livro é sobre a realidade desse acontecimento, que vem ao encontro do desejo do Homem. Passo a passo, Duarte da Cunha descreve e analisa essa revelação, nas suas vicissitudes históricas e no seu significado teológico. Porque o escândalo é este: a salvação não é um sistema para a paz universal excogitado por Kant, uma sociedade sem classes idealizada por Marx, ou uma constituição perfeita votada por uma assembleia de sábios e justos. A salvação não é uma filosofia que pensamos, uma política que escolhemos, um edifício que construímos com as nossas mãos. A salvação é um dom que nos é oferecido, é uma surpresa inesperada, é uma resposta inimaginável – mas que, uma vez reconhecida como verdadeira, se mostra a única plenamente correspondente à totalidade da busca humana. O que salva o Homem é o encontro com a pessoa de Jesus Cristo.

À revelação que Deus faz de Si próprio responde o Homem com a fé. A fé, resposta de amor à manifestação de Deus, comporta um *Sim* àquilo que Deus revela de Si, do significado da sua Criação e do Homem como sua imagem e semelhança. Em «cinco notas», o autor aprofunda o significado do acto de fé, que não consiste apenas em considerar intelectualmente que Deus existe (como diz São Tiago na sua Epístola, «também os demónios» sabem isso), mas em aderir a Deus. Acto da razão, a fé é também operação da vontade vivida na história em comunhão com os outros.

Nas últimas oito secções do segundo capítulo, o autor propõe algumas consequências ou aprofundamentos do acto de fé. A moralidade cristã não é um código de ética abstracto, mas a realidade de um Homem novo gerado pelo encontro com a graça de Deus. Depois, o conceito de certeza que é próprio da fé, com o aprofundamento de uma questão gnoseológica fundamental, que opõe a experiência

católica ao iluminismo pelo menos desde David Hume: o valor do testemunho como método de conhecimento racional. Três temas de clarificação doutrinal sobre o significado dos dogmas, o carácter eclesial da fé e o valor da Tradição.

A terminar, um capítulo sobre o diálogo pessoal com Deus, síntese espiritual e pessoal de todo o caminho percorrido, partilhada com simplicidade e autenticidade. «Ninguém pode ver a Deus sem entrar dentro de si», diz o autor seguindo Santo Agostinho e toda a grande Tradição da Igreja. A proposta de oração que faz – como atitude diante de Deus, como método pessoal e como experiência comunitária – nasce da profundidade da sua formação teológica, da sua familiaridade com os grandes espirituais, especialmente Santa Teresinha do Menino Jesus, e da sua experiência pessoal de oração.

Por fim, tal como o Credo, o livro termina com um capítulo sobre a Vida Eterna.

Tenho a graça de conhecer o autor desde a sua juventude, nos inícios da minha vida sacerdotal, e Deus quis que, ao longo destes mais de trinta anos, a nossa amizade nunca decaísse do horizonte de fé em que nasceu. Na seriedade da sua vida de seminarista e estudante de teologia, nos seus anos de estudos doutorais em Roma, no seu ensino de Doutrina Social da Igreja na Universidade Católica (na Faculdade de Ciências Humanas e no Instituto das Ciências da Família), no seu empenhamento na pastoral da família – empenhamento doutrinal e de orientação espiritual –, na sua luminosa experiência paroquial – primeiro em São Vicente de Fora, depois em Nossa Senhora do Carmo do Alto do Lumiar – e, por fim, nos dez anos em que serviu a Igreja como secretário-geral do Conselho das Conferências Episcopais da Europa, vi-o sempre crescer numa profundidade de reflexão que nunca perde de vista as pessoas concretas junto das quais é chamado a exercer o seu ministério, sejam os seminaristas de Timor a quem ensinou Eclesiologia, os seus paroquianos do Alto do Lumiar, os seus amigos sacerdotes, as gerações de jovens dos *Sairef* para quem é referência, os casais das suas equipas e muitos outros que acompanha com exemplar solicitude sacerdotal.

O Padre Duarte é um pastor teólogo e um teólogo pastor. Faz sempre boa pastoral com recta doutrina e ensina boa doutrina com o cuidado das almas. Um constante interesse enternecido e crítico pelo humano; um amor a Jesus Cristo, numa intimidade pensada e rezada; uma entrega apaixonada, obediente e responsável à Igreja são as notas mais marcantes da sua personalidade pastoral, que neste livro se manifestam como marcos miliários de um percurso catequético. Lê-lo foi reencontrar com gosto, página a página, um amigo muito estimado. Espero que todos os que lerem *Desejo e Encontro* possam encontrar nele, além de uma completa e acessível síntese da doutrina católica, a personalidade pastoral e espiritual do autor.

Lisboa, 8 de Junho de 2018
Solenidade do Sagrado Coração de Jesus

Padre João Seabra